

O FREUDISMO E A ESCOLA DE FRANKFURT: ENSAIO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE METAPSIKOLOGIA E TEORIA CRÍTICA

*FREUDIANISM AND THE FRANKFURT SCHOOL: STUDY ABOUT THE RELATIONSHIP
BETWEEN METAPSYCHOLOGY AND CRITICAL THEORY*

Emanuel Messias Aguiar de Castro ¹ Aluísio Ferreira de Lima ²

Resumo

O ensaio que segue é fruto de uma pesquisa bibliográfica onde se pretende demarcar a relação da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt com a Psicanálise de Freud, em específico sua metapsicologia, aqui referida como freudismo. Para tanto, foi realizada uma minuciosa análise do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt enquanto marco epistemológico e não como produção individual de seus colaboradores. Um dos objetivos dessa proposta é compreender o que é comum nas várias faces do movimento frankfurtiano em relação ao saber freudiano, ou seja, identificar o freudismo da Teoria Crítica. Esse trabalho encontra-se dividido em três partes: 1) Uma breve introdução ao tema sugerido junto de algumas explicações sobre o procedimento de pesquisa que culminou neste ensaio; 2) Uma contextualização histórica dos eventos que levaram à aproximação entre freudismo e Escola de Frankfurt e, por fim; 3) A relação da Teoria Crítica com a psicanálise freudiana em seus aspectos filosóficos, sociocríticos e crítico cultural. Com isso, buscou-se identificar nessas grandes áreas os movimentos de sistole e diástoles que marcam a conflituosa relação entre materialismo histórico-dialético e freudismo, principalmente, por assumimos como premissa que a Teoria Crítica dialoga com a psicanálise de Freud tendo a metapsicologia como instrumento mediador. O intuito final desse trabalho não é validar ou contestar o movimento de aproximação entre o freudismo e marxismo, mas evocar a importância da Escola de Frankfurt para a Teoria Crítica e para a compreensão dos fenômenos que envolvem as relações sujeito-sociedade.

Palavras-chave: Freudismo, Metapsicologia, Escola de Frankfurt.

Abstract

This paper is the result of a literature research which aims to demarcate the relationship of the Critical Theory of the Frankfurt School with Freud's psychoanalysis, in particular its metapsychology, referred here as freudianism. To achieve this, we made a detailed analysis of the Institute for Social Research in Frankfurt while epistemological Mark, and not as an individual production of its members. This paper was divided into three parts: 1) a brief introduction to the suggested topic and some explanations of the research procedure culminat in this article; 2) A historical contextualization of the events that led to the rapprochement between Freudianism and the Frankfurt School; 3) The ratio of Critical Theory with freudian psychoanalysis in its philosophical, sociological and cultural critic aspects. Thus, We tried to identify these fields approach and displacement movements that symbolize the conflicting relationship between the historical and dialectical materialism and the Freudianism mainly because we assume the premise that the dialogues Critical Theory with Freud's psychoanalysis had the metapsychology as a mediator instrument. The purpose of this work is to show the importance of the Frankfurt School for Critical Theory and the understanding of phenomena involving the subject-society relations.

Keywords: Freudianism, Metapsychology, Frankfurt School.

¹ Membro do Paralaxe: Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica, Brasil. Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: emanuel_messias.adc@hotmail.com

² Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da universidade Federal do Ceará (UFC). Líder do Paralaxe: Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica. E-mail: aluisiolima@hotmail.com

O termo Escola de Frankfurt designa o somatório dos esforços de intelectuais marxistas da década de 1920 que, através de uma leitura não ortodoxa do materialismo histórico-dialético, encontraram nesse a possibilidade da construção de um discurso sui generis fronteiro entre as epistemologias de uma Filosofia Social, uma Ciência Social e uma Psicologia situada principalmente no projeto psicanalítico de Freud (Assoun, 1991).

Segundo Matos (2005) a Escola de Frankfurt foi fundada em 1924 sob o título provisório de “Instituto para a Pesquisa Social”. Foi somente nos anos de 1950 que o termo “Escola de Frankfurt” passou a ser adotado por um de seus mais proeminentes colaboradores: Max Horkheimer. Como principais membros do Instituto figuraram, além daquele, Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Leo Lowenthal, Franz Neuman, Erich Fromm, Otto Kirchheimer, Friedrich Pollock, Karl Wittfogel e Jürgen Habermans (Matos, 2005; Jay, 2008).

A variedade de disciplinas representadas por seus pensadores dentro da “Escola de Frankfurt” propiciou que seu discurso extrapolasse as barreiras dos debates comuns à época de sua fundação possibilitando uma maior abrangência de temas e áreas do conhecimento aos objetos de pesquisa do “Instituto” (Jay, 2008).

Neste ensaio abordaremos a relação entre o materialismo neomarxista dos frankfurtianos e o freudismo. Relação essa que pode, de certa forma, ser datada, segundo Freitag (1986), até meados da década de 1970 quando Jürgen Habermans inicia um processo de revisão da Teoria Crítica deslocando o núcleo psicológico, desta, de Freud para George Mead e Wittgenstein. Com isso, seguiremos, basicamente, o percurso proposto por Jay (2008)³ que demarca o primeiro momento de produção teóri-

ca da Escola de Frankfurt entre os anos de 1920 e o final dos anos de 1950.

Pensar, então, a proposta da interseção de dois saberes distintos, a psicanálise e o marxismo, culminando na “Teoria Crítica” da Escola de Frankfurt é, antes de tudo, pensar como esses dois saberes consolidados podem caminhar com consonância em direção a um objetivo comum.

Para isso é importante uma rápida reflexão sobre o que estamos denominando como Psicanálise, uma vez que assumimos ser na interseção desses saberes o lugar da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Partiremos da observação de que a Psicanálise não se trata de um corpo teórico único, mas do resultado de um processo evolutivo, em termos históricos, donde sua incorporação às diversas doxas e epistemes, ao longo do século XX, conformaram-na segundo o tempo histórico do momento em questão. Por exemplo, a noção estrutural de Lacan que surge na França na década de 1950 é radicalmente distinta da noção funcional inglesa.

A noção de Psicanálise que interessa aqui é a do pensamento freudiano, pois, por uma questão de rigor epistemológico, a primeira relação teórica fundamental da Psicanálise com a Teoria Crítica é eminentemente vinculada à questão do freudismo.

Diante disso vale alguns esclarecimentos sobre o problema nominal suscitado. O freudismo é, segundo Assoun (1991b, p. 7), “aquilo que impede a psicanálise de se reduzir a si mesma, a sua própria objetividade”. Ou seja, a teoria e a experiência sui generis ligada à prática demarcada cronologicamente pela atuação do próprio Freud, mas que não se subsume ao autor enquanto agente histórico.

Não se trata, por exemplo, de um suplemento da subjetividade de Freud à Psicanálise, porém é necessário situar que,

³ Para mais informações sobre as demarcações históricas consultar: A Imaginação dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de pesquisa social, 1923-1950

diante da proposição da relação entre Psicanálise e Teoria Crítica, o termo freudismo se apresenta como inexorável, donde somente seria possível pensar a contribuição da Psicanálise para o “pensamento crítico” diante da, talvez, forçosa redução entre obra e ato fundador na figura do corpo teórico de uma metapsicologia (Assoun, 1991b). É somente diante dessa “brecha teórica” permitida pelo freudismo que se pode pensar essa relação complexa entre macrossistemas aparentemente fechados em si. Assoun (1991b, p. 41) aponta essa dimensão ao afirmar que

A metapsicologia, work in process por excelência, deve sua fecundidade ao aprofundamento de uma coerência que caminhou de mãos dadas com uma exploração em rede. Daí a possibilidade, ao mesmo tempo, de se colocar um dado momento em contradição com outro e captar sua diacronia. O sentido heurístico do freudismo se sustenta nessa retomada incessante que contém a lógica das inovações metapsicológicas ulteriores.

Podemos inferir, perante isso, que a possibilidade da interseção entre Psicanálise e Teoria Crítica reside exatamente na metapsicologia freudiana. Somente diante do trabalho sempre inacabado de construção no sentido heurístico é possível a interlocução desses grandes sistemas. Logo, a importância de ressaltar essa questão está ligada a própria produção do saber psicanalítico datado do nascimento da “Teoria crítica”.

Essa antonomásia, onde aquilo que dá nome a “coisa” e a própria “coisa” confundem-se, é que marca o embrião de uma relação possível entre freudismo e Teoria Crítica. É na metapsicologia que reside o freudismo e, por conseguinte, os usos deste pela Escola de Frankfurt. Tal afirmação é constatada por Assoun (1983, p. 11) quando propõe que Freud

[...] elabora um discurso epistemológico sui generis. Todavia em ter-

mos chave sente a necessidade de formular uma espécie de plataforma epistemológica ao mesmo tempo explícita e excessivamente concisa. Por outro lado teoriza essa prática numa disciplina específica para qual produz um neologismo: o de metapsicologia.

A metapsicologia será, então, a disciplina específica que delimita o saber da psicanálise freudiana e, com isso, a possibilidade de introduzir, ou melhor, de articular os saberes, freudiano e teórico crítico, permitindo uma possível superação da querela entre os discursos da Psicanálise e de uma Teoria Crítica oriunda de uma filosofia marxista.

Ao defendermos a metapsicologia como elemento-chave, na tentativa de articular Psicanálise e Materialismo, procedemos diferente de Politzer (1969) para quem a metapsicologia é incompatível com qualquer possibilidade de ser pensada concretamente uma psicologia. Sustentamos a tese de Fromm (1977, p. 134) de que “a psicanálise é uma psicologia materialista”. Tese essa que, segundo Slater (1978) é consensual entre os pensadores da Escola de Frankfurt.

Através de uma pesquisa bibliográfica, numa certa lógica de interpretação da cultura, tomando como referência à obra de Freud e os maiores expoentes comentadores dessa temática, esse trabalho busca demonstrar o que há de Freud em Frankfurt.

Dessa maneira o texto está dividido em três aspectos centrais para o campo de investigação dos teóricos de Frankfurt. A obra de Paul-Laurent Assoun denominada “A Escola de Frankfurt” onde esse autor apresenta a Teoria Crítica em três aspectos (filosóficos, sociológicos e crítico culturais) foi central para o desenvolvimento das ideias aqui presentes.

Semelhante a essa proposta é a divisão aqui adotada, porém sua radical diferença está que na análise feita por Assoun

(1991a) onde a influência do pensamento freudista parece estar relegada aos aspectos sociocríticos da “Escola”. Ao longo desse texto a psicanálise de Freud será abordada em relação aos três aspectos em questão.

Esse ensaio assume como premissa uma Teoria Crítica já marxista. O objetivo, portanto, não é o desmembramento teórico-metodológico de todo o universo que compõe o materialismo-dialético, mas, partindo de um pressuposto que Assoun (1991a) denomina como “neomarxista”, apontar às contribuições e contradições inerentes a absolvição da psicanálise por essa teoria. Com isso, um breve panorama histórico será apresentado a seguir para contextualização da discussão.

A HISTÓRIA COMO ELEMENTO MEDIADOR ENTRE METAPSICOLOGIA E TEORIA CRÍTICA

Convém, então, estabelecer aquilo que Freud denominou como metapsicologia com o intuito de esclarecer como esse termo ao mesmo tempo em que cria um problema é ele, também, a chave para a solução. Segundo Garcia-Roza (2004, p. 11) metapsicologia freudiana é: “[...] o conjunto da elaboração teórica de Freud, a produção de modelos conceituais afastados da experiência, ficções teóricas a partir das quais a própria experiência é transformada radicalmente [...]”.

Mezan (1995), diante dessa definição, atenta para um elemento importante para que se possa compreender o empreendimento freudiano: a “elaboração teórica”. Ao propor seu conjunto de postulados e axiomas metapsicológicos Freud deixa sua identidade subjetiva marcada na própria teoria, de uma forma ou de outra, metapsicologia e freudismo sustentam uma equivalência entre si.

Aqui temos a tensa aproximação da Psicanálise com uma produção do conhecimento que se assemelha a filosofia. Para Garcia-Roza (2004) as ficções teóricas de

Freud, aquilo que extrapola e violenta o dado clínico, que produz estranheza, mas que, ao mesmo tempo, sem isso seria impossível seguir adiante, permitem a elaboração de constructos que possibilitem a passagem de uma clínica do indivíduo a uma clínica do sujeito, ou melhor, da cultura, donde somente tal passagem possibilita a articulação dos saberes em questão.

Segundo Mezan (1995, p. 34), Freud “reconhece no aspecto figurado dos modelos conceituais mais abstratos não um vício de origem, mas a própria essência do trabalho de pensamento”. Está demarcada, assim, a própria essência do trabalho psicanalítico.

É necessário estabelecer diante disso que não se trata de advogar em nome de uma filosofia culturalista da psicanálise, ou seja, de formalizar “a coisa” freudiana em termos lógicos, por mais que uma epistemologia da psicanálise pareça seduzida a fazê-lo (Assoun, 1983).

Trata-se então da sensibilidade de perceber que somente por isso, nessa quebra de saberes onde Freud parece situar-se como outra coisa que não a filosofia, uma crítica da cultura onde, freudismo e marxismo “dialetizaram-se” para a formulação de uma Teoria Crítica se fez possível. É somente nessa passagem onde a clínica transcende o indivíduo e lança a cultura no divã que se torna viável, mediante a formulação do saber metapsicológico, pensar em uma Psicanálise articulada à Teoria Crítica e com isso constatar Freud como um pensador da cultura (Mezan, 1989).

É válido elencar, rapidamente, como um emaranhado de “acazos” históricos permitiu o tênue laço epistemológico entre “ismos” que culminaram na Teoria Crítica da cultura. Para Rouanet (1986) a primeira questão a apontar é a de que o movimento freudo-marxista, iniciado nos anos de 1920, está intimamente ligado a dois fatos históricos específicos: a revolução bolchevista de outubro de 1917 e a chegada do Hitler ao poder em 1933.

O que os dois fatos têm em comum é a subjetivação da lógica histórica prega-

da pelo sistema teórico marxista até aquela data. Rouanet (1986, p. 14) aponta que

(...) nos dois países houve um descompasso entre fatores objetivos e subjetivos e nos dois revelou-se a significação estratégica do polo subjetivo – num caso impondo-se voluntaristicamente a uma realidade histórica imatura no outro recuando diante de uma conjuntura socioeconômica favorável.

Se por um lado a proposta de uma revolução marxista foi possível na Rússia, país ainda amarrado aos entraves do antigo regime onde as forças produtivas estavam de posse de camponeses alheios aos embates ideológicos da luta de classes da sociedade industrializada.

Por outro a Alemanha, país altamente industrializado na década de 1920, viu sua classe operária assumir posições conservadoras, chegando a assegurar a vitória da extrema direita, em 1925, para a presidência do Reich (Rouanet, 1986).

Ainda segundo Rouanet (1986, p. 14).

As explicações oferecidas pelo marxismo vulgar eram insuficientes. A questão não estava em saber como a social democracia tinha, ou não, iludido os operários, mas em saber por que estes se tinham deixado iludir, nem em saber se a propaganda burguesa era ou não eficaz, mas em saber por que a contra propaganda marxista era ineficaz.

Diante dessa situação, parecia insustentável negar que a Psicanálise, na figura do freudismo, enquanto disciplina do funcionamento psíquico, oferecia mecanismos para uma explicação que complementasse a história enquanto força motriz de seu movimento.

A solução do enigma da subjetivação da lógica histórica proposto por Rouanet (1986), então, parecia estar nas mãos de Freud e apontava para mecanismos afe-

tivos inconscientes inacessíveis diante da redução da verdade histórica unicamente a fatos econômicos. Não se tratava então de negar a economia, mas de situá-la também na categoria de economia psíquica (Rouanet, 1986).

O problema nascido em concomitância à proposição de que a psicanálise freudiana tivesse a resposta para os enigmas históricos que se apresentavam, apontavam dois eixos centrais. Primeiro a questão da materialidade do achado de Freud. A possibilidade do freudismo, assim como o marxismo, estarem incluídos dentro das propostas materialistas e, dessa maneira, portar uma verdade científica.

A segunda questão estava no espírito anti-freudista da ordem comunista vigente que via na psicanálise a manifestação da Weltanschauung burguesa que absolutizava a ordem capitalista através de um suposto pessimismo cultural de Freud (Rouanet, 1986).

O que parecia mais forte do que esses dois entraves era a necessidade imediata de um mecanismo que explicasse a eficácia ideológica da propaganda nazista. Segundo Rouanet (1986) a pergunta que sustentava a possibilidade de uma articulação epistemológica entre freudismo e marxismo era: qual o mecanismo de interiorização da ideologia?

Os defensores da apropriação freudiana afirmavam, segundo Rouanet (1986, p. 23), que “a ideologia vai se enraizando no curso do processo de socialização através de sucessivas privações pulsionais que a instância familiar e posteriormente outras instâncias vão impondo ao indivíduo”.

Essas privações ocorrem mediante as prescrições e proscricções de imperativos éticos e de normas que correspondem aos valores sociais vigentes, atingindo o auge no conflito edipiano que supõe, em sua dissolução, o abandono do objeto amado (a mãe), a identificação com o estado (pai) e com os valores que esse pai carrega; valores sociais que serão incorporados como objetos da identificação. Nessa medida, ocorre

à relativização dos conflitos entre sujeito e Estado e a ideologia se torna um fenômeno inconsciente. O mecanismo de recalque é fundamental para assegurar a sustentação da ideologia, pois ele permite a introjeção da cultura enquanto a sublimação forma os ideais culturais (Rouanet, 1986).

É, objetivamente, nesse ponto que podemos situar a apropriação da metapsicologia pela Escola de Frankfurt, ou seja, na tentativa dos frankfurtianos de articular uma crítica da cultura à dimensão de uma psicologia individual, esta situada na obra de Freud. Figuram neste momento teórico duas obras que representam ativamente esse processo: “A dialética do esclarecimento” de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, originalmente publicada em 1947, e “Eros e Civilização” de Herbert Marcuse, originalmente publicado em 1955.

Na primeira, Adorno e Horkheimer (1985) debruçam-se sobre os conceitos de: Esclarecimento, Indústria Cultural e Antisemitismo, marcados pela tônica do principal conceito metapsicológico de Freud: o Inconsciente. Este, por exemplo, elemento central da crítica ao antissemitismo e aos limites do esclarecimento. A radicalidade em relação ao uso da obra de Freud, porém aparece em “Eros e civilização”. Nesta obra, Marcuse (1986), lança mão de um dos mais controversos conceitos metapsicológico: as Pulsões, para elaborar uma sua crítica ao indivíduo reprimido e a civilização repressora.

É importante ressaltar, nesse instante, que chegamos a uma forte querela entre freudismo e marxismo no interior da Teoria Crítica: o problema do método (Assoun, 1991b). As palavras de Freud (2006c, p. 172) apontam para o problema metodológico entre Psicanálise e marxismo afirmando que:

As investigações de Karl Marx sobre a estrutura econômica da sociedade e sobre a influência de diferentes sistemas econômicos em todos os setores da vida humana adquiriram inegável autoridade nos dias atuais. Em que medida os seus pontos de

vista, em seus detalhes, estão corretos ou são errôneos, não posso dizer, naturalmente. Compreendo que esse assunto não é fácil sequer para outros mais bem instruídos do que eu. Existem assertivas nas teorias de Marx que me pareceram estranhas: como a afirmação de que o desenvolvimento de formas de sociedade é um processo histórico natural, que as mudanças na estratificação social surgem umas das outras segundo um processo dialético. Não estou nada seguro de estar compreendendo corretamente essas assertivas; e não me parecem ‘materialistas’ mas, antes, semelhantes ao precipitado da obscura filosofia hegeliana, em cuja escola Marx se formou.

Para Assoun (1991b) a incompatibilidade metodológica entre a proposição de uma psicanálise freudiana e do materialismo-dialético somente pode ser harmonizada no interior de uma Teoria Crítica ainda que à custa de severas torções.

O problema que surge diante das apropriações metapsicológicas, por parte da Escola de Frankfurt, situa-se, exatamente, na consolidação desses saberes, ou seja, como duas teorias que se propõem a desvelar o que há de universal na singularidade por vias aparentemente distintas, são capazes de se complementarem?

A resposta para essa pergunta em nada é simples e, certamente, não tem uma solução apriorística onde a mera combinação dos termos, marxismo e freudismo, fundaria uma nova teoria que superasse as contradições inerentes as suas genitoras como que em um efeito mágico, onde o melhor de cada uma seria metabolizado e aquilo que se contradiz seria expurgado com o intuito de formar um corpo teórico consistente e imune às críticas que sofrem ambas as teorias mãe.

Logo, uma vez que assumimos a Teoria Crítica como uma das mais importantes escolas do pensamento nas Ciências

Humanas e na Filosofia e que sua influência atinge as mais diversas disciplinas dentro do campo das ciências ou, mesmo, das artes, acreditamos que buscar compreender as minúcias epistemológicas situadas no conflituoso casamento entre marxismo e freudismo é também uma forma de entender o avanço do pensamento crítico ao longo do século XX.

A RELAÇÃO ENTRE FREUDISMO E ESCOLA DE FRANKFURT: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS ASPECTOS FILOSÓFICOS, SOCIOCÍTICOS E CRÍTICO CULTURA DA TEORIA CRÍTICA

Rouanet (2010) e Slater (1978) sustentam a necessidade do recurso a estruturas psicológicas por parte da “Teoria Crítica”. Ainda segundo Slater (1978, p. 142), para os frankfurtianos, “a única psicologia adequada que poderia ser útil à Teoria Crítica era a de Freud”.

Nas palavras de Assoun (1991a, p.74),

A psicanálise intervém na Teoria crítica como um instrumento que em determinado momento ela tem que usar. O mesmo é dizer que ela tem que ser concebida como uma das componentes da caixa de ferramentas crítica, nem mais – o que faz com que Freud não seja abordado como o promotor de uma racionalidade sui generis – Nem menos [...].

Essa afirmação parece indicar que existe um reconhecimento objetivo por parte da Escola de Frankfurt ao saber cunhado por Freud. Em um breve conjunto de artigos, datados de 1913, intitulados “O interesse científico da psicanálise”, Freud aponta áreas do saber que se beneficiariam de sua “descoberta” e entre elas está a Sociologia. Freud (2006b, p. 189) afirma que “é verdade que a psicanálise tomou como

tema a mente individual, mas, ao fazer investigações sobre o indivíduo não podia deixar de tratar a base da relação emocional dele com a sociedade”. Está constatado o interesse do freudismo pelo fenômeno social, ainda que na medida de uma psicologia individual.

Assoun (1991a) indica que a solução desse impasse, se existe ou não um substrato sociológico na obra de Freud, está não nas particularidades de cada teoria acerca do homem, mas na maneira como essas tratam os fenômenos a que se propõem.

A psicanálise vai, pois, intervir a meio caminho para fornecer um decifrar apropriado dos mecanismos abissais da consciência social, verificando, se necessário, a lógica fantasma para interrogar as mediações da consciência histórica e fornece-lhes uma fixação concreta (ASSOUN, 1991 p. 75).

Raulet (1981, p. 178) afirma que “Marx e Freud concebem, pois, a história da espécie humana como dupla atividade diante da natureza e de organização das relações sociais”. Materialismo e Psicanálise nesse sentido caminham em direção ao mesmo horizonte por trilhas diferentes. O que, de fato, é comum às duas teorias é que a trama social pertence à outra cena que não essa do dado objetivo.

Diante dessa breve tentativa de harmonizar, dentro da Escola de Frankfurt, esses diferentes campos epistêmicos, cabe voltar para a relação dos três eixos centrais da “Teoria Crítica”, anteriormente citados, com o freudismo e sua psicanálise.

A tese fundamental, pelo menos em seu aspecto filosófico, da “Escola de Frankfurt” é a da rejeição, por assim dizer negação, da “teoria da identidade” moderna que tem seu apogeu na filosofia hegeliana (ASSOUN, 1991a).

Em Hegel, explica Assoun (1991a), existe uma unidade na identidade e essa unidade é a base de se poder sistematizar o conhecimento do mundo em toda a exten-

são da riqueza de seus conteúdos. Dessa maneira, toda dialética hegeliana sustenta-se no fato de que a identidade absoluta se antecipa a toda e qualquer possibilidade de sistematização do conhecimento.

Toda a sustentação da ideia de identidade permite, por exemplo, a separação, na medida de externalização, entre sujeito e objeto. Logo, existe um objeto externo ao sujeito na medida em que esse, diante da possibilidade de se autoconhecer, é capaz, também, de conhecer o objeto que lhe é externo.

A semelhança entre o freudismo e a Teoria Crítica, no que diz respeito a seu aspecto filosófico, situa-se nesse ponto. Para a Escola de Frankfurt, não existe uma entidade metafísica capaz de conceder ao sujeito a sua noção de identidade. Para Freud, a identidade, em seu correlato direto com psíquico, está no inconsciente. Portanto, esse é o efeito causado por Freud e sustentado pelos teóricos críticos, o de, no mínimo, pluralizar a noção identidade. Assoun (1991a) aponta que a solução para o problema da identidade, segundo a Teoria Crítica, residiria na negação da tomada do real em sua totalidade.

Rouanet (1986, p.110) aponta que:

A não-identidade, em Freud, assume forma mais ou menos inflexível: a tese da reconciliação impossível entre os interesses do indivíduo e o da civilização. Toda a construção metapsicológica de Freud gira em torno do conflito, jamais superável a luz da realidade pulsional do homem e das exigências da cultura, entre desejo e realização. A própria estrutura dualista do pensamento de Freud documenta, através de todas as vicissitudes da teoria das pulsões, existência desse antagonismo irreduzível: pulsões sexuais versus pulsões de auto-conservação, na primeira teoria; libido do ego versus libido dos objetos, na segunda teoria; Eros versus Tanatos, pulsão de amor versus pulsão de morte na terceira teoria — em cada uma dessas etapas muda-se o

polo da antinomia, mas não muda o dualismo implacável de um pensamento trágico, para o qual *tertius non datur* não é um princípio de lógica formal, mas uma exigência da dialética negativa que constitui a lei mais íntima do destino do homem.

Assoun (1991a) afirma, ainda, que “a não-identidade é telos da identificação”, logo, pode-se inferir que aqui existe, pela via da Psicanálise, a possibilidade da não-identidade enquanto processo de identificação. Nesse princípio, a identidade perde sua condição totalizante e passa a ser uma dinâmica, ou melhor, a obedecer a certa dinâmica que constitui as lutas das contradições pulsionais descritas pelo freudismo e sua psicanálise.

Freud (2006d, p. 115) diz que “a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço social com outra pessoa”. Há, nessa simples expressão, todo o complexo desenvolvimento do processo de construção da realidade social a partir do ponto de vista de uma alteridade necessária. Garcia-Rozza (2007) indica que a constituição de um “eu” verdadeiramente humano depende desse ponto onde a alteridade sobrepõe-se a noção de identidade acabada em si e per si. Segundo Rouanet (2010), a identificação é, então, o mecanismo pelo qual o indivíduo internaliza o objeto externo, ou seja, o social.

Em suma, o que a Teoria Crítica tem em comum com a Psicanálise, pelo menos em suas relações com os aspectos filosóficos, é uma recusa do positivismo da identidade, uma crítica imanente a essa enquanto um postulado filosófico. O que as une nesse aspecto é o princípio da não-identidade em seus vários planos, individual, social ou mesmo teórico.

Já em relação ao campo da socio-crítica, a Psicanálise freudiana surge como a possibilidade de uma psicologia social materialista capaz de agregar um saber intrapsicológico ao marxismo mantendo rela-

tivamente conservados os fundamentos básicos do Materialismo Histórico-Dialético.

A Sociopolítica Crítica, segundo Assoun (1991a), é a disciplina que toma o materialismo histórico-dialético e a psicanálise como fundamentais para a elaboração de uma crítica à sociedade.

Correlativamente a sociologia crítica que nasce desse projeto não forma um bloco isolado: não se compreende se não por referência as duas pedras angulares que são o marxismo por um lado e a psicanálise por outro [...] Não se trata aqui de doutrinas, mas de uma dupla mediação necessária entre a teoria crítica e seu campo de investigação (sociológica). (Assoun, 1991a, p. 39).

Para Rouanet (2010), na Teoria Crítica, é necessária uma teoria da personalidade, ou seja, uma teoria psicológica. É diante da percepção de que a elaboração de uma metodologia social, por si, não dá conta do modelo compreensivo da dinâmica humano-sociedade que Freud aparece como instrumento da Escola de Frankfurt.

O uso do termo “instrumento”, aqui, em nada é aleatório. A “Escola de Frankfurt”, em determinado momento, depara-se com a necessidade de fazer uso dos mecanismos psicológicos descritos e elaborados por Freud. Nesse ponto fica claro o abandono de certa ortodoxia materialista em nome do recurso a metapsicologia freudiana.

É através da assimilação do “modelo” metapsicológico que a sociocrítica da “Escola de Frankfurt” se estabelece. Isso acontece, acima de tudo, pela leitura no campo do social dos conflitos psicológicos freudianos. A sociedade, nesse sentido, traz a marca “em si”, do conflito entre Pulsão de vida e de Morte e entre “Isso” e “Supereu” (MATOS, 1989).

Esse posicionamento, o de assumir uma crítica do social que leva a marca da dualidade pulsional de Freud, lança a Escola de Frankfurt na crítica da cultura freudiana. É nessa certa inaptidão do ho-

mem à sociabilidade, assumida no conceito de Pulsão de morte, que Matos (2005) indica o pessimismo da Teoria Crítica em relação à Cultura.

Para Slater (1978, p. 151),

(...) o pessimismo cultural e o conformismo social de Freud não são acidentais, mas o resultado lógico da teoria de um “impulso de destruição”. Deve-se lembrar que esse último é apenas a manifestação de um impulso de morte.

Ainda Assoun (1991a p.78) redimensionará a questão afirmando que

A miséria instintual é mais do que nunca decifrada como sintoma da sociedade repressiva: mas a luta de Eros e Tânatos torna-se de algum modo expressão do drama metapsicológico que alimenta a dialética sócio histórica. A própria morte é ao mesmo tempo reconhecida (e já não exorcizada como no modelo humanista) e positivada – pois adquirir o poder de um protesto destruidor da frustração da vida [...]. Através de um paradoxo flagrante o, o conceito mais controverso da metapsicologia encontrava-se rentabilizado, isto é, exaltado por uma filosofia deliberadamente centrada na história – pode ser considerada uma erótica da história reconciliando polo inconsciente e polo histórico no seio de uma emancipação coletiva. É pela psicanálise que a crítica afirma mais audaciosamente sua ambição utópica [...].

O freudismo, para os frankfurtianos, contém a chave para a decifração da cultura, decifração essa que não é análoga a uma hermenêutica de produção de sentidos, mas que é intrínseca à dialética entre a cultura e o “indivíduo”. O que está em jogo nessa decifração é que a “formação do indivíduo através da cultura e a reprodução da cultura através do indivíduo fazem parte do mesmo movimento” (Rouanet, 1986 p. 120).

Rouanet (1986, p. 118) afirma que “em um certo sentido a Kulturkritik frankfurteana é uma psicanálise”. A radicalidade dessa afirmação aponta o quão imbricada está a Escola de Frankfurt no pensamento freudiano. Não se trata, porém, de uma análise cultural, por exemplo, de um ponto de vista hermenêutico onde os símbolos de um psiquismo coletivo estão representados na cultura esperando para serem imbuídos de sentido.

A psicologia social de Freud significa não o exame de uma “alma coletiva”, distinta de vários psiquismos individuais, mas o exame dos mecanismos pelos quais certos impulsos e tendências de cada indivíduo são ativados através da interação com outros indivíduos, no interior de um grupo, e através da relação com um líder. É dentro do mesmo espírito que podemos dizer que a crítica da cultura frankfurteana tem analogias com a psicologia social de Freud. Seu objetivo não é desvendar o “inconsciente cultural” – tarefa no fundo semelhante ao da crítica da ideologia, no sentido marxista tradicional, em que o conteúdo latente de uma teoria filosófica é descoberto quando se descobre o interesse de classe a que ele corresponde, mas descrever os mecanismos pelos quais se realiza a interação entre indivíduo e cultura (Rouanet, 1986 p. 119).

O homem, que, para entrar na condição de civilidade, apropria-se da cultura pelo processo de socialização, via identificação, reproduz essa cultura em certo nível macro que permite a manutenção desse status de civilização. Para a Teoria Crítica, esse processo é o que permite, sem constrangimentos, a linguagem sociológica ser complementada pela linguagem particular do freudismo e sua psicanálise.

Essa linguagem do particular, porém, manifesta-se em torno do conceito central da Psicanálise. Se essa confluência dos discursos é possível, ainda que dentro dos limites conjecturais da metapsicologia,

ela só acontece mediante o conceito de “Inconsciente” e todos os seus desdobramentos (a dinâmica pulsional, por exemplo).

Assoun (2012, p. 11), em defesa do conceito de inconsciente como elemento chave para a análise da cultura afirma que

Com efeito é no movimento, mesmo, do saber do inconsciente, adquirido sobre e por meio da clínica do sujeito, que o primeiro analista se torna pesquisador em ciências sociais, ou melhor que ele se revela possuidor do recurso para esclarecer o vínculo social. É, também, em certo sentido uma reinvenção da psicanálise que se abre para a verdade do coletivo.

É a metapsicologia do conceito de inconsciente que permite aos frankfurtianos a apropriação das categorias psicanalíticas para formularem uma nova crítica sobre os fenômenos culturais.

Para Rouanet (1986, p. 122)

Se o marxismo, enquanto “crítica a economia política” desnuda a desrazão objetivamente imanente a razão capitalista, a psicanálise, enquanto crítica da consciência, pode revelar os mecanismos pelos quais o objetivamente irracional se converte ao seu contrário, e é vivido como subjetivamente racional.

Assim chegamos ao terceiro aspecto analítico aqui proposto. A cultura, para a Escola de Frankfurt, não pode ser analisada apenas de um ponto de vista econômico. Seguindo a ideia acima, existe um jogo dinâmico de mecanismos inconscientes subjacentes aos processos culturais. A Cultura não é apenas a objetividade de uma produção material, mas um emaranhado de tramas inconscientes agindo segundo as dinâmicas desveladas por Freud, aí, pois, reside outro recurso ao freudismo e sua psicanálise.

Para Rouanet (1986), a Cultura se assemelha à formação do sintoma na concepção freudiana, ou seja, a produção sim-

bólica, dada na cultura, produz um verdadeiro compromisso com os objetos culturais via processo de identificação.

Dessa maneira, “no limite o sujeito deve se unificar-se a cultura e transformar-se ele próprio, na cultura” (Rouanet, 1986 p. 123). Ao apontar a identificação como o mecanismo central nesse processo, a identificação com símbolos não havendo distinção entre esses e a materialidade da civilidade, a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt lança mão dos mecanismos de economia psíquica para questionar a ordem social em vigência.

O que está em jogo nesse processo é que os símbolos que fazem a mediação entre o sujeito e o social são representações, em grande parte, da dinâmica inconsciente da identificação com a ordem.

Rouanet (1986) indica que a grande marca da crítica cultural da Escola de Frankfurt é a visão dessa como uma unidade contraditória de dominação e liberdade. É pela cultura que o homem pode se libertar de sua relação natural com as coisas do mundo, com suas imagens, mas é pela cultura que a sociedade de classes se perpetua permitindo, sempre, a falsa possibilidade, em nível ideológico, de emancipação. Essa é, por exemplo, a premissa básica que Adorno e Horkheimer (1985) sustentam em relação aos limites do esclarecimento diante da Razão instrumental.

A Teoria Crítica munida das concepções materialistas de cunho marxista e das dinâmicas psicológicas propostas pela psicanálise de Freud formulou, então, sua crítica a “cultura de massa”. Segundo Freitag (1986, p. 65) “a teoria crítica da Escola de Frankfurt tornou-se mais conhecida no mundo inteiro pela sua crítica a cultura de massa [...]”.

Ainda para Freitag (1986) o debate, também situado por Freud, sobre a diferença entre cultura e civilização é abordado pela Teoria Crítica de modo que, para os frankfurtianos, essa distinção que entende civilização como a produção material humana e Cultura como a produção subjeti-

va, perde seu sentido no mundo moderno na medida em que, do ponto de vista ideológico, a unificação dos dois conceitos respondia as novas necessidades do sistema capitalista.

Os membros do institut nunca cansaram de atacar a oposição entre a cultura como esfera superior das realizações humanas, e a existência material como aspecto inferior da condição humana. Tamanha era a inter-relação entre cultura e sociedade, que a primeira nunca conseguia transcender plenamente a insuficiência da segunda (Jay, 2008 p. 233).

Freitag (1986, p. 70) complementa afirmando que

A separação entre a produção material (civilização) e a produção de bens espirituais (cultura) não era a forma mais adequada para dissimular as estruturas do novo sistema de produção. A fim de tornar os trabalhadores dóceis e submissos, não bastava recorrer à dicotomia entre civilização e cultura, entre escassez material externa e riqueza espiritual interna. Tornou-se imperioso mudar os padrões de organização da produção cultural que foi sendo gradativamente cooptada pela esfera da civilização, isto é, sendo absorvida pelo sistema de produção de bens materiais que reestruturou inteiramente as formas de circulação e consumo da cultura.

A produção cultural, nesse sentido, passa a ser cooptada pela produção material, com isso o valor simbólico da produção subjetiva passa a ser cotado em mesma escala que a produção industrial. É nesse ponto, para os frankfurtianos, que surge a necessidade da emergência do conceito de “Industrial Cultural”.

Antes de entrar nas nuances do conceito convém redimensionar esse debate em relação à crítica freudiana. Como já dito, para Rouanet (1986) a industrial cul-

tural se assemelha a formação do sintoma na concepção freudiana, ou seja, a produção simbólica, dada na cultura, produz um compromisso com os objetos da cultura via processo de identificação.

O inconsciente, nesse sentido, em seu aspecto tópico, é o lugar onde transitam as representações coletivas que permitem a manutenção da cultura. O Ego, parcialmente, como a socialização. O Superego nascido da introjeção da cultura, mas identificado com seus ideais de moralidade e o Id como aquilo que nega a cultura, mas que ao mesmo tempo permite que o sujeito a suporte, uma vez que se apresenta sempre como a possibilidade de outra cena que não a da moral civilizatória.

Uma vez colocada à questão em termos freudianos, o conceito de “Industrial Cultural” para Freitag (1986) é a reorganização dos símbolos da cultura com o intuito de preencher lugares sociais específicos, antes preenchidos pela materialidade da ação civilizatória, ou seja, a “Indústria Cultural” produz os objetos a serem identificados. Por isso, para essa autora, a “Industrial Cultural” se caracteriza pela dimensão da reprodução em massa, vinculada a técnica, das mercadorias culturais.

Matos (2010) aponta a “Indústria Cultural” como sendo a grande arma da ação civilizatória, no sentido freudiano. O que ela faz é redimensionar o próprio “desejo”, é tentar, em certa medida, colocar rédeas na dinâmica pulsional sempre alimentando a pulsão com objetos parciais e transitórios. Assim, o rebuscado mecanismo de identificação que se contrapõe a introjeção direta dos valores, perde seu poder revolucionário e se torna central no enquadramento do sujeito ao modelo cultural capitalista.

Entre os mecanismos psicológicos ativados pelo poder para induzir a identificação com o existente, figura, antes de mais nada, a própria identificação. Que pode ser vista, assim, não somente como objetivo, mas como instrumento. Essa dualidade é autorizada pelo próprio

Freud, para quem a identificação é a última etapa do processo de socialização, permitindo ao indivíduo integrar-se no social, e também é a categorial pela qual essa integração se torna possível (Rouanet, 1986 p. 128).

A identificação, como instrumento, ganha contornos de uma “falsa identificação”, categoria inexistente na obra de Freud. Essa seria a identificação com a ordem vigente a serviço de sua reprodução. Freud (2006a) ao propor certa tendência à repetição no psiquismo antecipa esse conceito da falsa identificação. Essa repetição é da ordem de uma “economia psíquica”, essa condição, quase natural, em Freud não é suportada pela Teoria Crítica de modo que, mesmo diante de certo pessimismo, a cultura produz subterfúgios a essa objetividade.

Matos (2010) sustenta essa categoria de subterfúgio, a “Imaginação estética”. Categoria relacionada à arte, mas que em um debate a nível epistêmico aparece como um caminho apontado pelos frankfurtianos para o redimensionamento do mal-estar na cultura. Tal conceito prevê a possibilidade da autonomia frente a essa repetição, falsa identificação com a ordem vigente. Freud (2006/1910[1909]) infere que a produção do novo, aquilo que contradiz a ordem, também é um fenômeno psicológico denominado “sublimação”.

Assoun (2012) mostra, diante disso, que a cultura é, em grande parte, produto da sublimação das pulsões. Essa ambígua afirmação, onde a cultura repressora é também a possibilidade de autonomia, é o que marca a convergência do discurso do freudismo e da Teoria Crítica em seus aspectos críticos-culturais.

A cultura, então, esta situada nesse debate como o campo onde ocorrem as lutas e contradições de uma sociedade de classe, porém profundamente marcada pela existência de sujeitos pulsionais. Essa contradição entre o universal e o singular,

essa não-identidade, que é a marca da possibilidade de emancipação, uma vez que a impossibilidade ontológica de satisfação pulsional sempre dá margens à emancipação, é entendida pela Escola de Frankfurt como utopia ainda que negativa, pois aparece como irrealizável, mas também como inexorável.

O freudismo é a grande marca dessa emancipação que se impõe sempre como possível, porém inalcançável. O freudismo é, em si, utópico por uma condição que é propriamente ontológica, uma vez que em sua premissa básica encontra-se a sempre repetição da passagem de um caos primordial para um estado minimamente organizado das pulsões.

O exemplo disso é à própria passagem da organização pulsional de um polimorfismo a uma ordem objetal ou mesmo a organização da sociedade na passagem entre o reino das imagens e a relação simbólica mediada por totens e tabus.

Por fim, no que tange a convergência dos discursos da “Escola de Frankfurt” e da psicanálise de Freud, Rouanet (1986) indica que tudo leva a crer que a “Teoria Crítica” absorveu do freudismo muito mais que os seus instrumentos de investigação psicológica das relações indivíduo-sociedade, absorveu também a metodologia do pensar freudiano. Há, nesse sentido, relações epistemológicas que vão além da apropriação de conceitos, mas estão no cerne da própria obra da “Escola de Frankfurt”.

A apropriação do pensar freudiano e sua psicanálise, principalmente o que se refere a metapsicologia, permeia o discurso da Teoria Crítica em várias dimensões de sua produção teórica. O que está situado aqui é como a Freud ofereceu um instrumental epistêmico que possibilitou a “Teoria Crítica” dialogar com duas formas de saberes distintos, Marxismo e Psicanálise, porém sem sincretismos reducionistas.

A crítica do social em Marx e a crítica que leva ao social em Freud são, nesse sentido, os dois pilares fundamentais do movimento da Escola de Frankfurt, porém

é somente através da apropriação do saber metapsicológico de Freud, sustentado principalmente no conceito de inconsciente, que a referência psicanalítica se torna possível dentro da Teoria Crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia desse trabalho foi demonstrar a importância do freudismo, em seu aspecto metapsicológico, para a construção do saber cunhado pela Escola de Frankfurt. Essa tarefa, extremamente complexa, esteve sempre marcada por uma relação íntima com a dúvida, pois as várias fontes pesquisadas, por vezes, mostravam fortes contradições no que tange não só a importância do saber cunhado por Freud, mas sua validade de uso para a Teoria Crítica. Diante desse paradoxo foi necessário escolher o caminho a ser trilhado e tomar as referências opostas como contrapeso, ou seja, como outra possibilidade de entendimento do dinamismo teórico da Escola de Frankfurt.

Algumas considerações, ainda epistemológicas, são válidas na conclusão desse trabalho com o intuito de aparar possíveis arestas soltas ao longo desse texto. Para isso me valho aqui de uma longa citação de Rouanet mostrando que na Escola de Frankfurt

[...] o freudismo é pela primeira vez pensado dialeticamente. Eles admitem, como os marxistas ortodoxos filiados a III internacional, o enraizamento da psicanálise na sociedade burguesa. E reconhecem, como os freudo-marxistas dos anos vinte e trinta, sua eficácia enquanto instrumento de desmistificação. O freudismo é falso, enquanto objetificação a - histórica de um particular gerado pela história, e verdadeiro, na medida em que recusa a dissolução desse particular em falsas totalizações. É falso, quando toma como eixo de sua reflexão um indivíduo visto como uma objetividade sem história, ignorando sua gênese

e sua inserção nas relações de produção capitalistas, e verdadeiro, na medida em que defende a especificidade desse indivíduo, contrariando a práxis desindividualizante do fascismo e do socialismo burocrático. É falso, quando hipostasia sob a forma de invariantes antropológicas instâncias socialmente determinadas, como o Id, sedimentação das frustrações impostas pela realidade, o Superego, introjeção do poder, o Ego, ponto terminal de uma socialização regida por interesses de classe, e verdadeiro quando aponta para a realidade de uma ordem que efetivamente da a processos históricos a rigidez de processos naturais, e quando denuncia, no âmago desse aparelho psíquico objetivado a presença de repressão. É por isso que é verdadeiro mesmo quando falso, porque essa falsidade não é índice de inconsistência teórica, mas de falsidade objetiva do real: a verdade psicanalítica não é *index veri*, mas *index falsi* (Rouanet, 1986, p. 355).

O que esteve em jogo ao longo desse texto, sintetizado magistralmente nessa citação, é a relação, para colocar em termos freudianos, de amor e de ódio que Escola de Frankfurt mantém com a psicanálise de Freud. Dimensão essa sempre imbricada a uma necessidade de adaptação dos conceitos freudianos a uma crítica materialista da ordem social vigente, porém profundamente marcada pelo respeito ao modo de pensar freudiano.

É marca da Escola de Frankfurt a construção de uma análise social interdisciplinar fortemente referenciada pela economia política, enquanto disciplina científica, por essa está em condições de mediar às relações entre a filosofia, a história e as ciências sociais. Porém, para evitar à morte do subjetivo diante do macrocosmo da economia, ao admitir essa como dorsal, a psicanálise de Freud ganha titularidade dentro desse movimento interdisciplinar.

Por outro lado, muitas são as justificativas que negam a possibilidade de har-

monia entre esses saberes. Dor (1993) afirma que Freud foi acusado de justificar as relações sociais burguesas através de seu fatalismo diante de uma condição humana evolutiva e nisso residiria à impossibilidade dessa articulação.

Nessa lógica estrutural do pensamento freudiano pode não haver espaço para a grande revolução, mas para as pequenas sublimações cotidianas e esse seria o lugar da clínica em relação ao social. Talvez, um paliativo para a inevitável neurose. Aqui o que estaria em jogo não é mais a integridade epistemológica da Escola de Frankfurt, mas a da psicanálise.

Ainda Dor (1993) aponta que em muitos momentos os discursos mantidos por Freud e Marx sobre a relação homem-sociedade são mutuamente excludentes. Esse autor defende que uma leitura dialética da Psicanálise é reduzi-la a um discurso que lhe é completamente estranho dado a incompatibilidade, segundo ele, das noções de sujeito aqui em voga.

Não haveria espaço dentro do materialismo marxista para o sujeito dividido da psicanálise como assinala Roudinesco apud Dor (1993, p. 74)

Assim o EU está sempre no futuro anterior, ele chega onde isso fala. O inconsciente é um arcaísmo presente, sem história, nem origem. O EU advém (barrado, descentrado) sem que o Ego substitua o Id. A fórmula adaptadora da tomada de consciência ou da cura (o Ego deve expulsar o ID) designa uma tentação das ciências do homem, tornando-se efetiva sobre uma filosofia da pessoa cogitativa cuja intenção é o domínio do inconsciente; o desaparecimento deste, sem cessar presumindo pela psicologia, funda de uma denegação toda teoria de um sujeito centro e origem dos conhecimentos.

É por isso que, para esses autores, a psicanálise se diferencia tão radicalmente de qualquer outro saber sobre o homem ou de qualquer outra ciência, mesmo que

essa também seja um saber sobre as bases como é o materialismo histórico-dialético. Para eles está claro que o indivíduo ao qual se refere à dialética marxista está muito mais próximo ao sujeito centro e origem do saber do que o sujeito dividido e impossibilitado estruturalmente de saber.

Resgatar essa perspectiva no final desse trabalho, mesmo que não haja um forte interesse em se deter sobre ela, tem o intuito de mostrar que ambos os lados advogam em nome de certa ortodoxia para com seus fundamentos centrais. Se o materialismo histórico-dialético teme o a-historicismo diante de certas categorias universalizantes da psicanálise.

É bem verdade que em suas aspirações clínicas alguns psicanalistas receiam a metamórfica análise econômica da sociedade diante da questão se o sujeito é um reflexo da cultura ou a cultura é um reflexo do sujeito.

Todavia, a harmonização entre esses dois pensamentos no seio da Teoria Crítica só é possível uma vez negado o ecletismo do discurso entre as teses centrais das obras de Marx e Freud.

Nesse sentido, a Escola de Frankfurt foi o primeiro movimento teórico a perceber os erros de uma tentativa de miscigenar os discursos aos moldes dos freudomarxistas da década de 1920. De modo que, uma vez assumindo a inexorabilidade da necessidade do marxismo e do freudismo como compassos para uma crítica da cultura, complexa em seus aspectos sociais e psicológicos, a solução viável foi manter o paralelo entre essas duas teorias como na metáfora matemática em que afirma que duas retas paralelas se cruzam no infinito.

Diante de tantas divergências entre os autores e comentadores da Teoria Crítica sobre a relação entre Marx e Freud, ou mesmo, entre materialismo histórico e Psicanálise um apontamento de Althusser (1985) contribui para se pensar as escolhas epistemológicas e metodológicas da Escola de Frankfurt frente as suas pedras angulares.

Para esse autor uma certeza é válida: que as duas perspectivas nascem de uma leitura que lança o conflito homem-sociedade no centro de suas investigações. As duas apontaram caminhos que, apesar de distintos, apresentaram-se como outra possibilidade de pensar e fazer em relação a uma ordem naturalizante das coisas. Ambas anunciam e denunciam, a suas maneiras, as possibilidades e os limites dos homens frente à sociedade e a cultura. Destituem o homem de sua condição atômica, indivisível, indestrutível e maciço, para lançá-lo no universo das dinâmicas psicológicas e econômicas, onde ele não é o início nem o fim, mas sempre o meio para a transformação da sociedade.

Por fim, esse trabalhou não se tratou de advogar em nome de uma Psicanálise materialista, historicista e dialética, mas sim de admitir essas possibilidades em Psicanálise e, então, afirmar o potencial crítico das apropriações que a Escola de Frankfurt, em sua Teoria Crítica, fez da metapsicologia freudiana.

REFERÊNCIAS

- Adorno, T. W. & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,.
- Assoun, P-L. (1991a). *A Escola de Frankfurt*. São Paulo: Editora Êtica.
- Assoun, P-L. (2012). *Freud e as Ciências Sociais: Psicanálise e Teoria da Cultura*. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas.
- Assoun, P-L. (1991b). *O Freudismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Assoun, P-L. & Raullet, G. (1981). *Marxismo e Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,.
- Freud, S. (2006a). *Além do princípio do prazer*. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. (vol. XVIII).
- Freud, S. (2006b). *O interesse científico da psicanálise*. In Edição Standard Brasileira

das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. (vol. XIII).

Freud, S. (2006c). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. (vol. XXII).

Freud, S. (2006d). Psicologia do Grupo e Análise do Eu. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. (vol. XVIII).

Dor, J. (1993). A-cientificidade da psicanálise: a alienação da psicanálise. Porto Alegre: Arte médica.

Freitag, B. (1986). A Teoria Crítica ontem e hoje. São Paulo: Editora Brasiliense.

Fromm, E. (1977). A crise da psicanálise: Freud, Marx e a Psicologia Social. Rio de Janeiro: Zahar.

Marcuse, H. (1986). Eros e Civilização. São Paulo: Circulo do Livro.

Matos, O. C. F. (2005). A Escola de Frankfurt: luzes e sombra do Iluminismo. São Paulo: Moderna. (2ª ed.)

Matos, O. C. F. (1989). Os arcanos do inteiramente outro: A Escola de Frankfurt. A melancolia da revolução. São Paulo: Editora Brasiliense.

Jay, M. (2008). A Imaginação dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de pesquisa social, 1923-1950. Rio de Janeiro: Contraponto.

Politzer, G. (1969). Crítica de los fundamentos de la psicología. Trad. F. Gallach. Barcelona: Martínez Roca.

Rouanet, S. P. (2010). Adorno e crítica da barbárie: um olhar psicanalítico. In Soares, J. C (org.) Escola de Frankfurt: Inquietudes da razão e da emoção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 11-24.

Rouanet, S. P. (1986). Teoria Crítica e Psicanálise. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Slater, P. (1978). Origem e significado da Escola de Frankfurt: uma perspectiva marxista. Rio de Janeiro: Zahar.

Recebido em 11 de outubro de 2014.

Aprovado para publicação em 6 de dezembro de 2014.